

Gervásio de Tilbury e o mapa-múndi de Ebstorf: narrativa, imagem e representação e representação do espaço.

Maria Eurydice de Barros Ribeiro

Universidade de Brasília

O mapa-múndi de Ebstorf é bastante conhecido e citado nos livros de história da cartografia pela sua beleza e dimensões. Trata-se de uma carta mural desenhada a partir do mapa de Mogúncia, mais de um século depois, mas, que repete o mesmo traçado cartográfico e discurso geográfico demonstrando, mais uma vez, a longa duração dos elementos de representação e do sistema de crenças que o sustenta.

A carta de Ebstorf ficou conhecida pelo nome do mosteiro que abrigou o seu original. Por muito tempo, sua datação e autoria permaneceram desconhecidas. Levantou-se a hipótese de que os Beneditinos do Mosteiro de São Miguel, próximo a Lüneburgo teriam se apossado do manuscrito *Otia Imperialia* de Gervásio de Tilbury e feito o desenho da carta com base no mesmo. Discordando que o mapa-múndi tenha sido obra de vários monges, Kupcik, com base na unidade dos caracteres e da pintura, afirmou que o “escriba” e o pintor teriam sido a mesma pessoa. Finalmente, Armin Wolf, em estudo apresentado em Paris em 1987, datou-a por volta de 1239 e atribuiu sua autoria ao próprio Gervásio de Tilbury¹. Destruída em 1943, durante o bombardeio de Hanover, o mapa-múndi de Ebstorf é considerado o maior mapa-múndi medieval de que se tem notícia. Distingua-se das cartas medievais do mesmo grupo pela profusão das cores: dezesseis nuances na primeira versão. De forma circular e medindo três metros e meio de diâmetro, consumiu trinta folhas de pergaminho em sua elaboração².

Gervásio de Tilbury dedicou os *Otia Imperialia*, - Divertimentos para um Imperador³, a Oto de Brunswick. A obra constitui uma espécie de enciclopédia de maravilhas do mundo e da natureza, contada em pequenas notícias e histórias, enquadrando-se na literatura dirigida aos príncipes interessados em se instruírem com divertimento. Gênero próprio ao século XII, os *Otia Imperialia* contextualizam-se nessa cultura de formação de costumes, onde o riso e o fazer sorrir são também visados. Gervásio de Tilbury viveu em uma época em que os monges britânicos buscavam nos contos e lendas, nem sempre históricos, inspiração para essas narrativas divertidas e edificantes. Segundo Jacques Le Goff, desde o início do século XII assistiu-se na Inglaterra a recuperação de um conjunto de lendas que, ocultas anteriormente pelo clero erudito, passaram a compor uma nova cultura dirigida à realeza e à aristocracia laica. Tratava-se, para esses clérigos que viveram a ocupação anglo-saxã, de tornar conhecidas as tradições célticas conservadas nos países vizinhos atacados pela Inglaterra no século XII⁴.

O manuscrito apóia-se em uma tríplice tradição literária: judaico-cristã, bíblica; antiga greco-latina (renovada pelo Renascimento do século XII); e popular, onde os elementos célticos confundem-se aos orientais importados da Índia e do mundo muçulmano. Redigida entre 1209-1214, a narrativa começa pela criação e estrutura do universo, a disposição dos elementos, a criação dos seres animados, o pecado original, os primeiros homens e sua genealogia, concluindo com o dilúvio. Em seguida, Gervásio volta-se para a divisão do mundo segundo Orósio: a Ásia, Europa e África, descrevendo as regiões, as cidades e montanhas; os rios. Finalmente, classifica os fatos segundo as leis da natureza.

Embora a narrativa da história, da geografia e da história natural da terra assemelhe-se ao *De Imagine Mundi* de Honório de Autum, escrita um século antes, Gervásio de Tilbury sobressai-se dos demais, por incorporar bem o espírito medieval da época e consegue obter um progresso científico lento, retomando a ciência antiga⁵. Distingue milagres de maravilhas, ao classificar os fatos segundo as leis da natureza. Esclarece que os milagres ignoram tais leis e são de outra natureza – *praeter naturam* – das quais conhece-se a causa: o poder divino. As maravilhas obedecem a leis naturais que, originalmente, se definem, não por elas mesmas, mas, indiretamente, devendo sua existência à

incapacidade do espírito humano de as explicar⁶. Exigente, acrescentou às fontes escritas constituídas basicamente das Sagradas Escrituras e de textos da antiguidade clássica, depoimentos que ele mesmo colheu pessoalmente. O texto é extremamente rico em crenças e lendas folclóricas recolhidas por Gervásio que o nutriu dessas tradições ouvindo todos os grupos da sociedade, visitando regiões e fazendo dos *Otia* uma importante coleta de dados etnográficos.

*

“ *Mappa dicitur forma, Inde mappamundi id est forma mundi* ”⁷. Com essas palavras o mapa-múndi de Ebstorf define o sentido amplo do mapa-múndi compreendido como uma configuração do mundo. O desenho da carta, segundo os estudos mais recentes, teve o propósito de tornar visível a narrativa dos *Otia Imperialia*. Circular, orientado para o oriente, como todas as demais que lhe precederam, a letra T é visivelmente substituída por uma cruz que, nas margens do desenho cartográfico, é figurada pela cabeça, mãos e pés do Cristo crucificado. Muito mais enriquecida em iconografias e legendas que Mogúncia, a carta de Ebstorf revela sua fidelidade ao texto na expressiva figuração e impressionante quantidade de legendas. Em uma das principais legendas lê-se que o Paraíso se encontra além do Mar Cáspio e do Cáucaso, situando-se na Índia – *Paradisus et lignum vitae* - . A representação do começo da história da humanidade é também mais rica que em Mogúncia: Adão e Eva aparecem provando o fruto proibido. É farta a representação de animais e de bestas fantásticas que permitem identificar a tradição popular e folclórica, assim como dos povos que fizeram com que os historiadores se referissem a Ebstorf como uma carta etnográfica. As montanhas, rios e cidades são representados e seguidamente, acompanhados pelas respectivas legendas. As referências bíblicas são intercaladas pelas representações do maravilhoso tais como a salamandra insensível ao fogo, os vulcões da Sicília, o combate de escaravelhos, os costumes dos golfinhos, cegonhas e sereias. Inserida nessa profusão de imagens, Jerusalém triunfa no centro: o Santo Sepulcro é representado de forma magnífica. Triunfante, sentado em seu próprio sarcófago, o Cristo vitorioso parece indiferente aos soldados que dormem aos seus pés.⁸

* *

A história narrada pelos mapas-múndi ignora o tempo, razão pela qual, personagens e cenas de épocas distantes se misturam. O sagrado e o profano são, assim, representados como parte de uma mesma realidade sem que haja fronteira entre a vida e a morte. Tal forma de representar o mundo revela que, para os medievais, o mundo não formava um todo harmonioso, como na antiguidade. Na Idade Média, o mundo é dualista. *Mundus* é a humanidade que perdeu a beleza porque está ligada ao pecado original e deverá ser submetida ao julgamento de Deus. No universo figurado, tudo encontra o seu lugar, o seu papel, a sua categoria e todas as criaturas, inclusive as que personificam o mal, como os demônios e os infiéis, possuíam a sua representação⁹.

¹ Armin Wolf, “News on the Ebstorf Map : date, origin, autorship” in Monique Pelletier, *Géographie du Monde au Moyen Age et à la Renaissance*, Paris Ed. Du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, p. 55

² Ivan Kupick, *Cartes Géographiques Anciennes. Evolution de la représentation cartographique du monde de l’Antiquité à la fin du XIX siècle*, Paris, Gründ, s/d p.30

³ O manuscrito em latim encontra-se na Biblioteca do Vaticano, Vat. Lat. 933.É considerado o manuscrito mais confiável por Annie Duchesne, paleógrafa, que editou as traduções do latim para o francês arcaico .A única edição integral do manuscrito é de Leibniz, datando do início do século XVIII. *A Monumenta Germaniae Historia* publicou algumas passagens em 1885. Consultou-se a edição feita por Annie Duchesne, *Gervais de Tilbury, Le Livre des Merveilles, (Troisième Partie)*, Paris, Les Belles Lettres, 1992

⁴ Jacques Le Goff, “Preface” in Annie Duchesne, op.cit, p. X

⁵ Idem

⁶ Annie Duchesne, op. cit. p. 10

⁷ Cf. nota 14

⁸ Idem

⁹ Aaron Goiurevitch, op. cit, p. 80